

Gestão de Museus – II

Evolução de Conceitos e Funções

AGECAL – Associação de Gestores Culturais do Algarve

Com a análise dos recursos culturais regionais, no último texto aqui publicado, abordámos de forma muito sintética e breve, a origem histórica dos museus.

Do ponto de vista conceptual, duas perspectivas coabitaram ao longo dos séculos.

Por um lado a definição de museu de Comenius como um “*lugar onde o sábio, separado dos homens, sentado sozinho lê os livros sem parar*”, uma ideia que se confunde com o de biblioteca e com um trabalho individual. Com efeito sempre objectos e livros coexistiram nos mesmos espaços e ainda hoje o ensino dá especial valor ao esforço do indivíduo e a selecção é realizada com base na apreciação individual.

A perspetiva enciclopédica e universal de museu, que terá sequência nos séculos seguintes, assumiu particular relevância durante o Renascimento, com o aparecimento a ideia da exposição como um teatro e a tentativa de classificação dos objectos, relacionada com a normativa e clássica subdivisão entre “ciências puras” ou “técnicas” e as “ciências humanas”.

O primeiro impulso foi considerar museu o lugar onde “tudo o que existe é estudado”, logo se verificou a impossibilidade e que a musealização deveria ser contextualizada, o que deu origem ao fenómeno dos “ecomuseus” surgido com grande intensidade nas ultimas décadas do século XX.

A função pedagógica e educativa nos museus começa a desenvolver-se a partir da Revolução Francesa, com a democratização gradual do acesso ao conhecimento e a criação da escola pública que acabou com o monopólio do ensino religioso.

As funções dos museus foram-se estabelecendo e hoje as tarefas decorrentes são desenvolvidas por equipas especializadas, profissionalizadas e trabalhando de forma continuada. Resumidamente:

A **investigação no território e a identificação** de ocorrências e objectos que analisa da importância, relevância simbólica, histórica ou artística para as coleções. Neste âmbito surgem as equipas pluridisciplinares internas ou externas ao museu.

No caso do Algarve, foram identificados pelos investigadores do século XIX estruturas de povoamentos da Antiguidade, caso de Milreu e da colecção de lapidaria romana do Museu de Faro, também estruturas islâmicas visíveis e musealizadas em cidades algarvias como Silves ou Tavira

O património industrial algarvio tem o seu museu mais destacado em Portimão, dedicado às actividades das conservas de peixe daquela cidade.

O **estudo e documentação** permite organizar as ideias com vista à musealização onde se inclui as tarefas de registo e inventário.

Praticamente todos os museus constituídos no Algarve desenvolvem estas tarefas e a própria Rede de Museus do Algarve – RMA possui grupos de trabalho que acompanham e trocam experiências de boas práticas nestes domínios

A **preservação** envolve operações de conservação e restauro, o depósito e armazenamento em condições que garantam a salvaguarda futura.

É um dos problemas maiores com que se deparam os museólogos, uma vez que a construção de depósitos tem custos elevados e sem visibilidade social, ocupam espaços amplos e exigem condições ambientais de higiene sanitária, temperatura e humidade

A **exposição** é um mundo complexo envolvendo todas as funções do museu e o conjunto das especialidades no âmbito da museologia, como a museografia, isto é as técnicas expositivas, do design de comunicação à luminotecnia, da pedagogia ao catálogo.

Os museus de São Brás e Tavira têm dedicado especial atenção à investigação e exposição sobre o património material e imaterial. A exposição “ Algarve, do Reino à Região” realizada pela RMA foi uma exposição conjunta e pioneira de uma nova forma de trabalho de investigação e exposição em rede, área onde o Algarve está mais avançado.

A **divulgação e comunicação** são funções que, no mundo atual onde a imagem e a informação predominam, exige atenção crescente sob pena de não existir conhecimento das actividades e consequentemente visitantes

A **educação** tem vindo a ganhar relevância nos museus através dos seus serviços educativos e programas de cooperação com as escolas, visitas orientadas não apenas às exposições e aos monumentos da cidade, mas também oficinas temáticas e de exploração da criatividade.

No Algarve o CIIP de Cacela, estrutura ligada a Vila Real de Santo António introduziu com sucesso já há anos os ciclos regulares de passeios temáticos de interpretação do património.

O património imaterial possui uma crescente relevância na vida dos museus e das populações e nesse aspecto o Algarve possui uma enorme riqueza de expressões